



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**TATIANA STELLA ESTEVES VAZ**

**ENSAIO SOBRE O LUGAR DO SUJEITO PSICANALÍTICO NA  
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO BANCÁRIO**

Brasília  
2015

**TATIANA STELLA ESTEVES VAZ**

**ENSAIO SOBRE O LUGAR DO SUJEITO PSICANALÍTICO NA  
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO BANCÁRIO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica

Orientador: Prof. Dra. Ana Magnólia Mendes

Brasília  
2015

**TATIANA STELLA ESTEVES VAZ**

**ENSAIO SOBRE O LUGAR DO SUJEITO PSICANALÍTICO NA  
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO BANCÁRIO**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)  
como pré-requisito para a obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso de  
Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria  
Psicanalítica

Orientador: Prof. Dra. Ana Magnólia  
Mendes

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Magnólia Mendes

---

Prof<sup>a</sup>. Yesmin Sarkis

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Gilson Ciarallo

## RESUMO

O ensaio discute o lugar do sujeito na relação com a organização do trabalho bancário. Parte-se do pressuposto que o sujeito se torna refém da organização do trabalho bancário que evoca a ambivalência entre a demanda de cuidado e de punição vinculada à figura paterna gerando sofrimento. Com a mobilização subjetiva o sujeito deveria encontrar uma saída amenizante para a situação de desamparo originário gerado pelo processo civilizatório acarretado pelo mal-estar na cultura, mas este recurso não se efetiva pela não aderência da categoria que se utiliza de mecanismos de defesa. Utiliza-se como método a pesquisa teórico bibliográfica, adotamos Freud como referencial psicanalítico e referenciamos a psicodinâmica do trabalho com Dejours e Mendes. O objetivo desse diálogo conceitual permite indicar que a organização do trabalho bancário produz efeito sobre o posicionamento do sujeito. Sob o enfoque psicanalítico é possível supor que o sujeito experimenta uma situação de desamparo diante dos constrangimentos da organização do trabalho bancário. Diante dessa condição, o sujeito tende a colocar a instituição no lugar do pai protetor, todo-poderoso, que seria mais eficaz que a mãe, fraca e desprotegida. O sujeito identifica a instituição como o pai-intocável, e se vincula pelas promessas de estabilidade, amparo, segurança e cuidado se submetendo ao ambiente hostil, às metas abusivas, ao assédio moral, em nome da sua sobrevivência material e psíquica. Futuros estudos empíricos são recomendados para demonstrar de modo mais robusto as suposições construídas neste ensaio.

**Palavras-chave:** Desamparo. Sujeito Psicanalítico. Psicodinâmica do trabalho. Organização do trabalho bancário.

## ABSTRACT

The essay discusses the place of the subject in relation to the organization of banking work. It starts from the assumption that the subject becomes hostage to the organization of banking work that evokes the ambivalence between care demand and punishment linked to the father figure generating suffering. By mobilizing subjective the subject should find an effective way out of the situation of helplessness originating generated by the civilizing process entailed by the discontents in culture, but this feature is not effective for non-compliance category that defense mechanisms used to. It is used as a method bibliographic theoretical research, we adopted Freud and psychoanalysis and we reference the psychodynamics of work with Dejours and Mendes. This conceptual dialog allows you to indicate that the organization of banking work has an effect on the positioning of the subject. Under the psychoanalytic approach it is possible to assume that the subject experiences a situation of helplessness on the constraints of organizing the bank work. Given this condition, the subject tends to put the institution in place of the protective father, almighty, it would be more effective than the mother, weak and unprotected. The subject identifies the institution as the father-untouchable, and is bound by promises of stability, protection, security and care is undergoing harsh environment, unfair targets, harassment at work, in the name of survival. Future empirical studies are recommended for more robust way to demonstrate the assumptions built in this essay.

**Key words:** Helplessness. Psychoanalytic subject. Psychodynamics of work. Banking work organization.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>1 O TRABALHO E A PSICANÁLISE</b> .....	08
<b>2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO BANCÁRIO</b> .....	12
<b>3 A CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO</b> .....	16
<b>4 O SUJEITO PSICANALÍTICO E SEUS VÍNCULOS COM O TRABALHO</b> .....	20
<b>CONCLUSÃO</b> .....	24
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	26



## INTRODUÇÃO

O trabalho foi objeto de estudo da psicanálise sobre vários aspectos, desde o trabalho dos sonhos até o trabalho no sentido de ofício.

Freud postula a assertiva de que o caminho em direção à felicidade estaria relacionado a amar e trabalhar.

O objetivo deste ensaio foi questionar o sujeito enquanto refém da organização de trabalho que evoca a ambivalência entre a demanda de cuidado e de punição vinculada à figura paterna gerando sofrimento.

Através da mobilização subjetiva, o trabalhador deveria encontrar uma saída amenizante para a questão do desamparo originário, porém notamos que apesar da situação de sofrimento e angústia, raramente o bancário se vale deste recurso para amenizar sua dor e compreender sua situação.

Definimos a ambivalência de sentimentos entre a função paterna e materna na busca pela proteção e se tornou evidente a função paterna como mais eficiente e até mesmo representante da instituição, como o pai divino, pai castrador, pai da lei, pai protetor, pai provedor, pai todo-poderoso, que neste caso detém as leis, as normas de conduta, a segurança, o capital.

A organização do trabalho bancário foi amplamente estudada como uma classe por Ribeiro (1999), Resende e Mendes (2004), Jacques e Amazzary (2006), Nascimento (2012), Mendes (2013).

As transformações vividas pelas organizações a partir dos avanços tecnológicos do trabalho bancário impactaram a percepção deste para o sujeito, que até o início da década de 1990 via certo prestígio em sua classe, hoje devido às mudanças encara um cotidiano de pressão constante para o atingimento de metas impraticáveis.

Com os avanços da tecnologia, a competitividade no mercado, as vendas e incorporações nos bancos, tais mudanças refletiram significativamente no setor bancário, o emprego que um dia fora o sonho de muitos jovens por oferecer benefícios como bons salários, segurança, de seu glamour, dão lugar um ambiente adoecido, com alta rotatividade, um sofrimento físico manifesto nas LER/DORT,

psíquico, esgotamento, banalização do sofrimento ou até mesmo uma normalidade patologizada.

Diante da ambivalência de demandas da organização trabalho, o sujeito torna-se impotente diante de seu sofrimento, não encontra sentido no trabalho, não atribui sentido para si.

O sujeito entra em conflito entre o Eu ideal e o Ideal do Eu, quando é necessário que vá sempre além de sua capacidade, quando o objetivo a ser alcançado é quase sempre inalcançável.

Então a busca incessante pela perfeição acarreta ao sujeito uma inevitável frustração, pois o sujeito acaba por buscar por Ideal do Eu imposto pelo outro, pela instituição, pai-divindade-poderosa.

Adotou-se neste estudo a pesquisa teórica bibliográfica como método cujo instrumento foi a leitura dos textos selecionados que se estabeleceu Freud, Birman e Ferraz como referencial psicanalítico.

Nos textos relacionados à Psicodinâmica do Trabalho, adotamos obras recentes de Dejours e Mendes essencialmente para analisarmos a psicodinâmica do trabalho na atualidade.

Verificou-se a relevância de localizar um ponto de intersecção entre o sujeito psicanalítico, desejante, subjetivo, inserido na organização do trabalho bancário que apesar de sua característica de sofrimento abarca uma parcela razoável e fiel de trabalhadores.

O presente trabalho foi estruturado em quatro capítulos nos quais se apresentam no primeiro capítulo a relação entre o trabalho e a psicanálise.

No segundo capítulo, analisamos a organização do trabalho bancário, suas particularidades, a partir de artigos e teses atuais, o terceiro capítulo proporciona uma síntese sobre a psicodinâmica do trabalho e um breve relato sobre a clínica do trabalho, por fim no quarto capítulo, discute-se o sujeito psicanalítico e seus vínculos com a organização de trabalho.

## 1 O TRABALHO E A PSICANÁLISE

Imagina-se uma tribo, longe da civilização, onde exista uma estrutura sagrada simbolizada por um animal, temível, sagrado, símbolo de devoção, que não deve ser violado. Esta estrutura é representada na tribo pelo seu chefe, uma espécie de pai, representante da lei, estabelecedor de que além do animal simbólico ser intocável, os homens não poderiam se relacionar sexualmente com as mulheres da mesma tribo.

O homem primitivo viveria numa horda original, com seus filhos e o pai detentor de poder teria o direito de se relacionar com as mulheres enquanto os filhos seriam proibidos.

Regidos pelo ódio, os filhos matam o pai instaurando que ninguém deveria ter o poder visto que este era motivo de discórdia na tribo.

Os irmãos se relacionariam e trabalhariam juntos praticando uma renúncia pulsional, porém isso não os absolve da culpa, da inveja e da condição original de desamparo.

Para Freud (1913/1974, p.49) “as mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos”.

A morte do pai evoca nos filhos a presença de sentimentos ambivalentes ao mesmo tempo em que odiavam o pai por impedir a realização de seus desejos, o amavam e o adoravam. Desta ambivalência resulta um sentimento de culpa: “o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo... o que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos” (FREUD, 1913/1974 p.146).

O pai ainda faz surgir um “ideal que corporificava o poder ilimitado do pai primevo contra quem haviam lutado, assim como a disposição de submeter-se a ele” (FREUD, 1913/1974 p.151).

Podemos pensar esta figura do pai da horda como a figura da organização do trabalho que desperta no sujeito a ambivalência de sentimentos alternados entre amparo e desamparo e a demanda de cuidado.

O trabalho na contemporaneidade parece consumir as relações humanas, o sujeito está em constante disputa por uma posição, sob o apelo da demanda de intermináveis qualificações e na ameaça de perder o emprego. Pouco resta às relações interpessoais neste campo que sugere o individualismo.

A psicanálise teoriza os estudos da subjetividade e do trabalho, como cenário multidisciplinar, levando em conta contribuições da psicodinâmica do trabalho quais as principais teorias sofreram influências analíticas.

A convergência entre trabalho e psicanálise à primeira vista nos parece impensável, já que a psicanálise tende a estudar a subjetividade voltada para a prática clínica, entretanto ao aproximarmos trabalho, subjetividade e psicanálise, poderíamos construir um olhar sob o novo vértice para os fenômenos relacionados ao sujeito e ao trabalho.

De acordo com Birman (2003) a subjetividade tem relação com o desamparo originário que é potencializado na contemporaneidade, devido à separação do referencial da sociedade tradicional que sugere dúvidas e incertezas diante das possibilidades atuais.

O desamparo seria, não apenas inevitável, mas também incurável, já que não existiria qualquer proteção originária para o sujeito. Por isso mesmo, impõe-se ao sujeito a exigência de gestão do mal-estar e do desamparo, pelo registro horizontalizado dos laços sociais (BIRMAN, 2003, p.142).

Ainda para Birman o desamparo seria originário, pois o sujeito necessita do outro para se constituir e esta relação seria assinalada por um conflito de ordem estrutural.

Ponderamos o desamparo como uma economia infundável resultante do conflito entre as pulsões do sujeito e as imposições da cultura, dos laços sociais, situando a psicanálise na perspectiva ética e política.

Segundo Freud, a análise da relação homem e civilização elucidaria a constituição de uma teoria psicanalítica da cultura, conforme fundamentou em O mal-estar na civilização.

Freud define que o mal-estar é decorrente de uma série de interdições com as quais o sujeito se depara, como exigências do social, ressaltando a renúncia às pulsões sexuais e agressivas. O sentimento de culpa é constitucional para entendimento do mal-estar, apresentando como base para sua análise o conflito entre as pulsões de vida e de morte (FREUD, 1930/1974).

Ainda para Freud (1930/1974, p.19), o desamparo seria apresentado em dois momentos, da religiosidade e na inibição da agressividade a partir do sentimento de culpa.

A derivação das necessidades religiosas, a partir do *desamparo* do bebê e do anseio pelo pai que aquela necessidade desperta, parece-me incontrovertível, desde que, em particular, o sentimento não seja simplesmente prolongado a partir dos dias da infância, mas permanentemente sustentado pelo medo do poder superior do Destino. Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão imensa quanto a da proteção de um pai. Dessa maneira, o papel desempenhado pelo sentimento oceânico, que poderia buscar algo como a restauração do narcisismo ilimitado, é deslocado de um lugar em primeiro plano. A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o *sentimento de desamparo infantil* (grifo do autor).

O segundo momento seria uma resposta do sujeito às imposições da cultura conforme descreve:

Esse motivo é facilmente descoberto no *desamparo* e na dependência dela em relação a outras pessoas, e pode ser mais bem designado como medo da perda de amor. Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos. Acima de tudo, fica exposta ao perigo de que essa pessoa mais forte mostre a sua superioridade sob forma de punição. De início, portanto, mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados. Por medo dessa perda, deve-se evitá-lo. (FREUD, 1930/1974 p. 84)

A construção da subjetividade do sujeito relaciona-se com a vivência de desamparo que necessita ser manejada nas relações cotidianas e nos laços sociais.

De acordo com Freud (1930/1974), o homem vive em constante busca pela ausência do sofrimento, pelo fim do desprazer e pela intensa busca pelo prazer.

A busca pelo prazer está diretamente relacionada com o adiamento que a civilização impõe ao sujeito, quando o mesmo deve abrir mão do seu desejo pelo outro, pela realidade.

A atividade profissional constitui fonte de satisfação, se for livremente escolhida, isto é, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos (pulsionais) resistentes ou

constitucionalmente reformados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob pressão da necessidade, e esta aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis. (FREUD, 1930/1974, p.174).

De acordo com Mendes (1995), cada indivíduo reage de forma distinta diante das dificuldades das situações de trabalho e trazendo sua história de vida. Os conflitos então nasceriam destas relações conflituosas, pois de um lado está o sujeito e sua necessidade de prazer e de outro a organização e a palavra de ordem que o sujeito se enquadre em determinado padrão.

A busca pelo prazer no trabalho e a saída para o desprazer é um desejo constante para o sujeito diante das exigências que a organização e a civilização lhe conferem e o trabalho se torna um meio de sobrevivência e não fonte de prazer como em tese.

Para Marx (1844, p.10) “o indivíduo é o ser social por mais que seja um indivíduo particular, é sua particularidade que faz dele um indivíduo e um ser social individual efetivo”.

De acordo com Ferraz (1997, p.74) “devido a uma série de distorções que vamos encontrar na relação do homem com o seu trabalho, os canais que possibilitam a ocorrência da sublimação se acham, na maioria das vezes, total ou parcialmente bloqueados”.

Desta maneira o trabalho não se daria pela via do prazer como proposto inicialmente por Freud, mas pela necessidade e disposição do indivíduo vender sua força de trabalho, seu tempo, e receber em troca a recompensa que atenda sua necessidade.

A medida de prazer e desprazer é diretamente proporcional à disposição e necessidade do sujeito que pode tender ao prazer ou sofrimento de acordo com suas precisões e condição de trabalho.

## 2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO BANCÁRIO

No início dos anos 90, vivenciaram-se grandes transformações na economia mundial, liberalismo econômico, globalizações do mercado, em decorrência destas transformações ocorreram às privatizações de empresas, redução de postos de trabalho que segundo Resende e Mendes (2004, p.153) “o trabalho perdeu seu valor como direito tornando-se cada vez mais uma concessão”.

Antes disso o trabalho era considerado uma segurança e após estas transformações a palavra de ordem passa ao trabalhador lutar para permanecer em seu emprego.

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora. (DEJOURS, 1991, p.145).

Os trabalhadores enfrentam cada vez mais desafios para manter-se em seus empregos, se submetem a vivências de sofrimento por medo e pela ameaça de perderem seus empregos.

Consideramos que o trabalho bancário seja uma das categorias mais atingidas por estas mudanças, pois encontra um ambiente de alta competitividade, pressão por metas inatingíveis, assédio moral constante. De acordo com o DIEESE, em pesquisa publicada em julho de 2012, o setor bancário brasileiro em 1990 possuía 732 mil trabalhadores, passando em 1999 a 392 mil, representando uma queda de 46%, a partir de 2001 o cenário apresentou um contínuo crescimento chegando em 2012 a 508 mil empregados.

Entre 2010 e 2011 observou-se maior expansão com saldo de criação de postos de trabalho anual positivo de 20 mil postos de trabalho, todavia entre 2011 e 2012 a geração de empregos no setor bancário diminuiu 83,3% em relação ao período anterior devido às incertezas geradas pelo cenário externo.

As principais ações da implantação de programas de reestruturação produtiva são a redução de pessoal através de demissões ou programas de incentivo à aposentadoria e demissão voluntária.

De acordo com Jacques e Amazarray (2006) em artigo publicado no Boletim da Saúde, a identidade do trabalhador é ameaçada, os valores a ela associados se desfazem e o sujeito encontra dificuldade em reconstruir sua identidade quando deixam os bancos, a marca do banco com forte valorização social fica impregnada como identidade do eu.

Entre os que permanecem no banco verifica-se um sentimento de culpa, ansiedade, depressão e sofrimento psíquico. Destes trabalhadores exigiu-se uma postura de multitarefas, qualificação crescente e isso se associou sob aspectos técnicos e comportamentais, como disposição para venda de produtos e serviços, competitividade, atender às demandas dos clientes, capacidade de adaptação ao intenso ritmo de trabalho, tolerando a pressão e o estresse (GRISCI; BESSI, 2004).

Não é incomum ao trabalhador associar o ambiente de trabalho situações e palavras como inferno, guerra, combate, luta, devido à energia psíquica gasta pelo sujeito para manter-se diante da forte competitividade e cobrança.

Ressaltamos que o novo modelo de gestão dos bancos apresenta programas de qualidade de vida para o funcionário e participação nos lucros como medidas paliativas para a melhoria e incentivo das condições de trabalho ainda que as metas e objetivos sejam estabelecidos unilateralmente por escalão superior, sem direito à negociação.

De acordo com Resende e Mendes (2004, p.156):

Quando não há espaço para a expressão da individualidade, quando não há o reconhecimento, quando o sistema se apresenta rígido de forma a não permitir a mobilização do trabalhador, este recorre aos mecanismos de defesa, que se caracterizam por comportamentos de isolamento psicoafetivo e profissional do grupo de trabalho, de resignação, de descrença, de renúncia à participação, de indiferença e de apatia. Estas defesas têm papel ambíguo: se, por um lado, são necessárias para manter o equilíbrio psíquico, por outro podem levar a imobilismo e alienação.

Ainda para a autora dependendo da inter-relação trabalhador-trabalho, saber-fazer e coletivo de trabalho, o sofrimento cede espaço para o prazer em um processo de transformação denominado mobilização subjetiva, através de um espaço de discussões sobre o trabalho.

Para Mendes (2001, p.3):

A mobilização subjetiva permite a transformação do sofrimento a partir de uma operação simbólica: o resgate do sentido do trabalho. Este sentido depende de um outro: do coletivo de trabalho. O coletivo é construído com base em regras que não são apenas técnicas, o que é denominado de coletivo de regras. Tais regras organizam as relações entre as pessoas e têm uma dimensão ética que remete à noção do que é justo ou injusto, não constituindo normas ou esquemas de regulação. Elas reportam-se também sobre os valores, pelo julgamento da estética e da beleza (qualidade) do trabalho.

A identidade do trabalhador para Mendes (2001) seria reafirmada pelo coletivo e distinto da identidade de aparência, pois a identidade seria o “estilo pessoal na relação com a tarefa reconhecido pelo outro”, aquilo que nos define, e diferencia dos outros. As aparências seriam o “reconhecimento pelas qualidades que o trabalhador tem em comum com os outros, é o julgamento sobre o fazer e o agir”.

Para Borges e Alves Filho (2001), a categoria dos bancários vivencia o sofrimento individualmente, associado ao colegismo e companheirismo, em equivalência com organização e disciplina, o que sugere rigidez, mecanicismo, defesa manifesta no individualismo coletivo reforçado pelo coletivo, através da competição infundável pelo funcionário perfeito.

A recompensa financeira seria um mecanismo de dependência do trabalhador que associa forte apego com o emprego e justifica sua escolha diária de permanecer no trabalho apesar da constante vivência de sofrimento, como se a instituição exercesse a função paterna de provedor e protetor, porém ao mesmo tempo aquele que pune e castra o sujeito.

A sobrevivência, segundo Resende (2004), sinaliza ser o principal motivo para os bancários se manterem nos empregos, objetivando segurança, amparo, em detrimento da auto realização.

Para Mendes (2001), os funcionários que ocupam função de liderança, apresentam uma percepção de trabalho diferenciada de seus subordinados, que adotam como estratégias de defesa a racionalização e alienação das decisões, individualização das equipes e do trabalho em relação aos superiores e compartilhamento com superiores das realidades das tarefas.

De acordo com Nascimento (2012), tornar-se bancário já foi o sonho de vários jovens durante anos, pois a profissão era cercada de glamour, reconhecimento social, garantia um bom salário e estabilidade financeira, com as

transformações no ambiente econômico, então o glamour foi-se apagando, a profissão se submetendo ao gerencialismo, desgaste, esgotamento, medo e frustração.

Apesar dos sindicatos oferecerem voz aos bancários esses avanços nesta área não parece diminuir significativamente a condição de sofrimento e desamparo dos trabalhadores, seja através dos acordos coletivos quando nas negociações podem expressar um pouco de seu sofrimento seja nas opções que os sindicatos oferecem como .

No Sindicato dos Bancários do Distrito Federal foi instalada uma clínica do trabalho, uma tentativa pioneira de atendimento psicológico voltado para a demanda do trabalho, é realizada atendimentos individuais e em grupo utilizando a psicodinâmica do trabalho, porém a parcela da população de bancários atendida é muito pequena, parece ser difícil para este profissional aceitar que necessita de ajuda e quando percebe que pode não dar conta sozinho de seu sofrimento físico e psíquico muitas vezes já é tarde demais.

### 3 A CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Em meados da década de 70 na França, surgiu uma nova demanda que suprisse a necessidade de compreensão entre a relação saúde mental e trabalho, em virtude da greve geral de maio de 68. (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2009).

A clínica psicodinâmica do trabalho se inicia na França com Dejours nos anos 1980, com referência teórica da psicopatologia e evolui para uma construção própria com os avanços das pesquisas e torna-se uma abordagem autônoma com objeto, princípios, conceitos e métodos particulares (MENDES, 2007, p.48).

Ainda para Mendes (2007, p.34),

Nessa fase, a psicodinâmica, ainda sob denominação de psicopatologia do trabalho é centrada no estudo da origem do sofrimento no confronto do sujeito-trabalhador com a organização do trabalho. (...) Os estudos buscavam compreender o sofrimento e as estratégias defensivas individuais e coletivas para lidar com o sofrimento.

Da clínica do trabalho do prazer e sofrimento evolui-se para a clínica psicodinâmica do trabalho que se define pela realidade do trabalho, através de pesquisas de campo, com enfoque no trabalhador para construir saber sobre o que ele faz.

Ao final dos anos 1990, pesquisadores das disciplinas de ergonomia, medicina do trabalho, psiquiatria, psicologia, psicanálise, antropologia, sociologia, história, linguística, economia, tecnologia e engenharia dialogam como as formas de organização poderiam se relacionar com a servidão voluntária e a deterioração da saúde mental dos trabalhadores.

Um uma vertente da clínica psicodinâmica do trabalho em diálogo com a psicanálise temos uma proposta de clínica analítica do trabalho que se fundamentaria na da formação do psicólogo, na análise pessoal deste profissional, na supervisão e na escuta analítica nas intervenções.

Porém esta clínica não tem a pretensão de se utilizar formalmente da psicanálise já que a associação livre e o tempo da análise não seriam métodos rigidamente adotados, tampouco a resistência dos pacientes poderia ser expressamente respeitada.

Uma dimensão que tem se mostrado muito potente para mobilizar essa passagem é a transferência e a supervisão clínica. Desse modo, propõe-se

como agenda de pesquisa revisitar os dispositivos que vem sendo usados, levando em consideração as contribuições da psicanálise, que referencia a proposta de uma clínica analítica do trabalho, na qual são considerados como dispositivos a demanda, a transferência e a interpretação. (GHIZONI et al; 2015, p.92)

Para Resende (2004), a clínica psicodinâmica do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento ocorrem especialmente ligadas à organização do trabalho, nas demandas diretamente ligadas às atividades em si e nas relações do profissional com o trabalho, com os colegas e com a instituição.

Ainda para a autora “as vivências de prazer-sofrimento formam um único construto, constituído por quatro fatores: gratificação, liberdade, insegurança e desgaste.”.

O prazer então se daria no eixo da gratificação e liberdade nos quais atribuiriam sentido ao trabalho, evocando sentimentos como orgulho, pertencimento, realização, segurança.

Para Dejours (2007), o trabalho é central e constitutivo da identidade do sujeito, assim para a psicodinâmica do trabalho busca compreender o fazer o trabalhador, pois este fazer pertence ao trabalhador.

O objeto de pesquisa da Psicodinâmica do trabalho seria o equilíbrio entre as forças desestabilizadoras do sujeito e os esforços desse à custa de muito sofrimento.

Para Mendes (2007, p.37), “o saudável está relacionado ao enfrentamento das imposições e pressões do trabalho que causam a instabilidade psicológica, tendo lugar o prazer quando as condições geradoras de sofrimento podem ser transformadas. O patológico implica falhas nos modos de enfrentamento e sofrimento, instalando-se quando o desejo de produção vence o desejo dos sujeitos-trabalhadores”.

Ainda para a autora a psicodinâmica reconhece o trabalho como construtor de identidade e subjetividade do sujeito e fonte de alienação e direciona o estudo do sofrimento para a relação dos trabalhadores com a organização do trabalho e as estratégias defensivas utilizadas para lidar com o trabalho.

De acordo com Dejours (2005), trabalhar não se relaciona somente a execução, mas também ao social e as dinâmicas intersubjetivas imperativas à psicodinâmica do reconhecimento, possibilitando resignificar o sofrimento através da

mobilização subjetiva e da inteligência prática para a transformação da organização do trabalho, do trabalho real, através das intervenções do real no trabalho.

A dicotomia prazer-sofrimento é uma representante dialética do homem e seu trabalho, onde o sofrimento é parte do trabalho e pode em algum momento conduzir ao uso da mobilização subjetiva, resignificando o sofrimento, atribuindo sentido ao trabalho e gerando prazer.

O prazer para a psicodinâmica é uma vivência subjetiva de profunda satisfação, produzida por um trabalho que contém significado, reconhecido, valorizado, que possibilita a obtenção de identidade e subjetivação do trabalhador no coletivo.

Para Linhares (1994), o prazer está associado à identificação do trabalhador com a atividade executada, positividade dos resultados, organização do trabalho que favoreça o desenvolvimento e tenha margem para negociação na execução de tarefas e desenvolvem significado e possibilitam a sublimação do sofrimento.

Na perspectiva da psicodinâmica o sofrimento pode ser considerado patológico, quando há desestabilização psíquica na relação do sujeito com o trabalho, quando o sujeito utiliza suas estratégias de defesa.

De acordo com Morrone (2001, p.16) sob o aspecto psicodinâmico a “auto-realização fundamenta o processo de construção da identidade do trabalhador (...) considerado um processo inacabado e armadura da saúde mental.”.

Para Bottega (2009, p.29):

É o trabalho que permite o confronto entre o mundo objetivo e a singularidade de cada trabalhador. E o conflito entre a organização do trabalho (com suas relações e regimentos) e a subjetividade do trabalhador é gerador de sofrimento psíquico, na medida em que o trabalhador tenta manter sua saúde mental, em meio a essa complexidade de relações.

Para a psicodinâmica o trabalho representa uma maneira de obter prazer, subjetivação, desde que possibilite a resignificação do sofrimento advindo da organização de trabalho, a cooperação e o reconhecimento.

Para Antloga e Mendes (2009), diante do sofrimento o sujeito desenvolve estratégias de enfrentamento para evitar o adoecimento e quando estas falham, ocorrem os adoecimentos físicos e psíquicos.

As estratégias defensivas são descritas como uma modalidade de adaptação e resistência às pressões advindas da organização do trabalho e seus modelos de gestão, podendo ser individuais ou coletivas.

Ainda para Mendes (2008, p.38):

Essas estratégias defensivas são definidas por Dejours (1994) como regras de condutas construídas por homens e mulheres. Variam de acordo com as situações de trabalho, sendo marcadas pela sutileza, engenhosidade, diversidade e inventividade, fazendo com que os trabalhadores suportem o sofrimento sem adoecer.

Dejours (2006) propõe que as estratégias defensivas cumprem papel paradoxal na saúde do trabalhador, representando uma maneira de proteção da saúde mental contra os efeitos do sofrimento podendo ser uma armadilha que insensibiliza o sujeito contra aquilo que gera sofrimento ou um sistema de ideias defensivo, conduzindo a um processo de alienação ou distanciamento.

#### 4 O SUJEITO PSICANALÍTICO E SEUS VÍNCULOS COM O TRABALHO

A princípio, segundo Freud, o sujeito se vincula ao mundo externo através dos cuidadores. Estabelece suas relações com o externo, aprende e se apropria do mundo através da mãe que por sua vez humaniza o sujeito e lhe guia na descoberta do novo.

O sujeito nasce instintivo, aprende pela dor, pela fome, pela presença e ausência da mãe, pelo carinho de quem cuida como interpretará as sensações doravante.

A mãe se completa no bebê, na busca do objeto faltoso e então esta relação de dois aparentemente perfeita sofre com a entrada de um terceiro. O pai não é somente aquele que impede o bebê de ter tudo, mas também é objeto de desejo da mãe, e se torna a referência de poder, pois, além de ser desejado pela mãe, tal qual o bebê, ainda é aquele que castra que dita às regras, representa a lei e toma a mãe para si.

A dissolução do complexo de Édipo é decorrente da ameaça de castração, assim a catexia objetal da mãe deve ser abandonada e reorganizada por uma identificação com a mãe ou potencializada em sua identificação com o pai.

O sujeito experimenta pela primeira vez a sensação da perda primitiva, a maneira como irá sair desse complexo edípico determinará sua estrutura psíquica e a existência do outro é necessário na constituição do sujeito.

A mãe ao desempenhar sua função, deve possibilitar que a criança se desiluda de sua onipotência, descubra a realidade do desamparo como uma experiência tolerável, que suporte a ideia de que não há proteção absoluta ou um ser onipotente garantidor de estabilidade.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1974) postula o trabalho como uma forma de satisfação substitutiva, fator fundamental na economia das pulsões, das relações intersubjetivas e indispensável à preservação da vida em sociedade. O trabalho seria uma sublimação da vida pulsional.

Nesta obra Freud descreve que as questões do mal-estar estão relacionadas com a subjetividade, dado que o sujeito é cercado pela cultura, as exigências pulsionais dela decorrentes e as imposições da civilização.

Este conflito entre os desejos do sujeito que necessitam ser atendidos e a obrigação de viver inserido na cultura constitui no sujeito a condição de desamparo. A fim de sobreviver o sujeito cria possibilidades diante do desamparo.

A condição de desamparo é relacionada à situação traumática relativa ao excesso pulsional que não poderia ser simbolizado.

Para Menezes (2010), podemos dividir a questão do desamparo em duas fases, uma erótica e sexual, que se refere a um lugar infantil e à sexualidade traumática vinda da mãe, como desamparo original estruturante e a falta de garantias do sujeito sobre seu existir e seu futuro, forçado a uma renúncia pulsional para a vida na civilização e como resultado da experiência pulsional frustrada, o sujeito vivencia o mal-estar.

O mal-estar se instala entre a diferença do desejo de satisfação das pulsões e as possibilidades psíquicas de satisfação, esta discrepância se caracteriza na oposição entre a continuação da força pulsional e a finitude dos símbolos.

O conflito gerado pela possibilidade ou não de satisfação das pulsões gera angústia para o sujeito, pois se instala uma situação de desamparo estrutural, tida como inaceitável, ele estabelece uma relação de conflito.

Para Menezes (2010, p.115) “a *hilflosigkeit* (desamparo) de Freud expressa a dimensão fundamental e insuperável sobre a qual repousa a vida humana: a condição da existência do sujeito no mundo é apoiada numa condição de desamparo do psiquismo.”.

Para Freud (1927/1974) da necessidade do homem tornar tolerável seu desamparo ele criaria forças e criaria um “cabedal de ideias” e que estas o protegeriam contra os perigos da natureza e do destino e as ameaças da cultura.

Para viver, o sujeito concebe meios de se livrar do sofrimento, através de deslocamentos da libido, aniquilamento das pulsões, isolamento, satisfação na fantasia.

Freud (1930/1974) faz referência ao trabalho como um meio do sujeito lidar com o desamparo e viver em sociedade.

Reconhecer o desamparo durante a vida faz saltar aos olhos do sujeito a necessidade da existência de um pai, mais poderoso, protetor das agruras da vida. É neste sentido que o trabalhador se relaciona com a instituição, como se ela além de lhe prover, lhe protege do desamparo.

Para Freud diante do desamparo o sujeito busca proteção no mais forte e substitui a mãe protetora pelo pai.

Segundo Freud (1930/1974, p.99), o trabalho estaria para o sujeito como fonte de satisfação pulsional para obtenção de prazer:

Quando numa pessoa não existe uma disposição especial que prescreva imperativamente a direção que seus interesses na vida tomarão, o trabalho profissional comum, aberto a todos, pode desempenhar o papel a ele atribuído pelo sábio conselho de Voltaire. Não é possível, dentro dos limites de um levantamento sucinto, examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos e ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados. No entanto, como caminho para felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis.

Citando Menezes (2010, p.138) “o trabalho é um elemento essencial da vida humana, tendo em vista sua função estruturante, seja ao possibilitar destinos para as pulsões seja ao assegurar ao sujeito um lugar no circuito social.”.

Sendo assim o trabalho da civilização oferece a possibilidade de proteção ao desamparo frente à cultura, porém a parcela de agressividade do sujeito se contrapõe com este trabalho.

Então o trabalho em sua função de amenizar o desamparo, como saída para ele, diante das imposições da civilização, quando não é prazeroso não cumpre sua função agravando a condição de sofrimento do sujeito.

Na organização do trabalho bancário o sujeito colocaria a instituição no lugar do pai protetor, na tentativa de fazer o trabalho cumprir seu papel no alívio da angústia civilizatória, porém ao mesmo tempo em que encontra um “pai” protetor, provedor, todo-poderoso, que dita às regras e metas, também encontra seu carrasco, castrador, que compromete sua saúde física e psíquica e quando enfim se liberta não encontra sentido no trabalho.

## CONCLUSÃO

Neste ensaio propusemos um diálogo entre a psicanálise, a organização do trabalho bancário e o posicionamento do sujeito sob enfoque psicanalítico em situação de desamparo inserido no contexto da organização do trabalho bancário.

Discutimos o lugar do sujeito na relação com a organização do trabalho bancário, a partir do pressuposto que o sujeito se torna refém da organização do trabalho bancário que evoca a ambivalência entre a demanda de cuidado e de punição vinculada à figura paterna gerando sofrimento.

Através da mobilização subjetiva o sujeito deveria encontrar uma saída que se aproxime da eficiência para a situação de desamparo originário gerado pelo processo civilizatório acarretado pelo mal-estar na cultura, mas este recurso não se efetiva pela não aderência da categoria que se utiliza de mecanismos de defesa.

Esse diálogo conceitual nos permitiu indicar que a organização do trabalho bancário pode produzir efeito sobre o posicionamento do sujeito. Sob o enfoque psicanalítico foi possível supor que o sujeito experimenta uma situação de desamparo diante dos constrangimentos da organização do trabalho bancário.

Diante dessa condição, o sujeito tende a colocar a instituição no lugar do pai protetor, todo-poderoso, que seria mais eficaz que a mãe, fraca e desprotegida. O sujeito identifica a instituição como o pai-intocável, e se vincula pelas promessas de estabilidade, amparo, segurança e cuidado se submetendo ao ambiente hostil, às metas abusivas, ao assédio moral, em nome da sua sobrevivência material e psíquica.

Relacionamos a clínica psicodinâmica do trabalho, suas maneiras de atuação e suas tendências atuais como uma clínica analítica do trabalho em desenvolvimento atualmente na Universidade de Brasília.

A clínica analítica do trabalho como um pioneirismo no Brasil, resultado do Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho, ainda iniciando os atendimentos, onde participei de encontros e pude ouvir os estudos de caso apresentados com o enfoque psicanalítico nas sessões.

Discutimos a organização do trabalho bancário, suas especificidades, que da maneira mais Machadiana “admira e consterna”, admira pela organização em si, aparentemente uma classe com consciência de um tipo de coletivo, que desenvolve uma espécie de devoção à instituição, e neste mesmo ponto consterna pela devoção ao lugar do sofrimento, que agrava seu desamparo.

Concluimos que a organização do trabalho bancário não funciona para o sujeito psicanalítico como um fator amenizante para o problema do desamparo gerado pelo processo civilizatório.

O sujeito tende a colocar a instituição no lugar do pai protetor, todo-poderoso, que seria mais eficaz que a mãe, fraca e igualmente desprotegida, o modelo gerencialista da organização acaba por reforçar este posicionamento do sujeito.

Assim como o pai da horda, o pai morto se torna mais forte, uma divindade, algo intocável, e neste posicionamento entra a instituição para o sujeito, que se vincula pelas promessas de estabilidade, segurança, amparo e cuidado que a instituição oferece, entretanto neste percurso se torna refém do ambiente hostil, das metas abusivas, do assédio moral.

Futuros estudos empíricos são recomendados para demonstrar de modo mais robusto as suposições construídas neste ensaio.

Mas se a organização do trabalho bancário seria este “mundo cão” porque o sujeito então não lançaria mão de sua carta de alforria?

Sobrevivência. Os bancários como pesquisou Resende (2004), vivenciam prazer e sofrimento de maneira moderada, como forma de defesa e nem sempre se utilizam da mobilização subjetiva.

A metáfora paterna não poderia ter cabido melhor neste cenário, a atuação das pulsões de vida e de morte, preservação e autodestruição.

Ainda me valendo de Machado de Assis, o homem como lobo do próprio homem, o sujeito inserido em um dos ambientes mais hostis, altamente competitivos, no qual seu melhor não é mais o suficiente, e como recompensa “ao vencedor as batatas!”.

## REFERÊNCIAS

- ANTLOGA, C. S. X **Estilos de contato da organização com o funcionário e prazer-sofrimento no trabalho**: estudo de caso em empresa de material de construção. Dissertação (mestrado). Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, 2003.
- ANTLOGA, C. S. X; MENDES, A. M. S Sofrimento e adoecimento dos vendedores de uma empresa de material de construção. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p.255-262, 2009.
- BESSI, Vânia Gisele; GRISCI, Carmen Ligia lochins. Mudanças tecnológicas e de gestão e suas implicações sobre o sujeito do trabalho bancário. **ENANPAD**, v. 28, p. 1-17, 2004.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BORGES, L. O.; ALVES FILHO, A. A mensuração da motivação e do significado do trabalho. **Estudos de Psicologia**, v. 6, n. 2, 2001.
- BOTTEGA, C.G. **Loucos ou heróis**: um estudo sobre prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. Dissertação (mestrado) mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1991.
- \_\_\_\_\_, C. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- \_\_\_\_\_, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: 7. ed. 4. reimpressão FGV, 2006.
- \_\_\_\_\_, C. **Entre o desespero e a esperança**: como reencantar o trabalho? Revista Cult. São Paulo. Nº 139. Set 2009.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C., **Psicodinâmica do trabalho, contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2009.
- DIEESE. **Geração de empregos no setor bancário diminui 83,3% em relação ao mesmo período do ano anterior**. São Paulo: Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Socioeconômicos, 2012.
- EXCELLENCE, PARADIGM OF. Trabalho bancário e saúde mental no paradigma da excelência. **Boletim da Saúde| Porto Alegre| Volume**, v. 20, n. 1, 2006.
- FERNANDES, E. C., **Qualidade de vida no trabalho**: como medir para melhorar. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **O mal-estar no trabalho**. Psicossoma li, p. 193, 2007.

FREUD, S. **Totem e tabu** (1913 [1912-13]) In: Obras Completas de Sigmund Freud Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIII, p. 11-194.

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão** (1927). In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XXI.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização** (1930 [1929]). In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XXI.

GHIZONI, Liliam Deisy et al. CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO: A PRÁTICA EM DIVERSOS CONTEXTOS DE TRABALHO. **DESAFIOS: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 1, n. 1 jul/dez, p. 74-92, 2015.

JACQUES, M. G. C.; AMAZARRAY, M. R. Trabalho bancário e saúde mental no paradigma da excelência. **Boletim da Saúde**. V. 20, n. 1, p. 93-106, 2006.

LINHARES, LJR, **Atividade prazer – Sofrimento e estratégias defensivas do enfermeiro**: um estudo na UTI de um hospital público – DF. 1994. Tese de Mestrado. Universidade de Brasília

MARX, Karl et al. **Manuscritos económico-filosóficos de 1844**. São Paulo: Abril cultural, 1977.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. **Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho**: as contribuições de C. Dejours. Psicologia: ciência e profissão, v.15, n. 1-3, p.34 – 38, 1995.

MENDES, Ana Magnólia. Estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 38-48, 2013.

\_\_\_\_\_, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. **Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho**: Desamparo, pulsão de domínio e servidão. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MORRONE, Carla Faria. **“Só para não ficar desempregado” - resignificando o sofrimento psíquico no trabalho**: estudo com trabalhadores em atividades informais. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.

NASCIMENTO, Marcelo Magno Rocha. **Organização do trabalho bancário de suporte e atendimento e vivências de sofrimento**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília

RESENDE, Sonia; MENDES, Ana Magnólia. A sobrevivência como estratégia para suportar o sofrimento no trabalho bancário. **Revista Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 151-175, 2004.

RIBEIRO, H. P. **A violência oculta do trabalho: as lesões por esforços repetitivos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.